

**A HISTORICIDADE
NÃO É O QUE SE ESPERA**

Caso, Ficção e poesia
em psicanálise

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Urugai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

J. Guillermo Milán-Ramos
Nina Virginia de Araújo Leite
Suely Aires
(organizadores)

**A HISTORICIDADE
NÃO É O QUE SE ESPERA**

Caso, Ficção e poesia
em psicanálise

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Historicidade não é o que se espera : caso, ficção e poesia em psicanálise / J. Guillermo Milán-Ramos, Nina Virginia de Araújo Leite, Suely Aires, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017. – (Coleção TerramaR)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-469-4

1. Clínica psicanalítica 2. Ficção 3. Freud, Sigmund, 1856-1936 4. Historicidade 5. Lacan, Jacques, 1901-1981 6. Poesia 7. Psicanálise I. MilánRamos, J. Guillermo. II. Leite, Nina Virginia de Araújo. III. Aires, Suely. IV. Série.

17-10175

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Caso, ficção e poesia em psicanálise 150.195

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mariana Moraes

Gonzalo Delgado Pombo

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

Esta obra conta com os apoios institucionais:

UDELAR, UNICAMP, CAPES e FCPUJ

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

NOVEMBRO/2017

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator

SUMÁRIO

Apresentação

A historicidade vem por acréscimo – La historicidad viene por añadidura: Um encontro em Montevideú 9
J. Guillermo Milán-Ramos, Nina Virginia de Araujo Leite, Suely Aires

Conferência de abertura

Secreto y leyenda en la historia del movimiento psicoanalítico 17
Michel Plon

I Psicanálise e historicidade

Conferência

Desmentido, verdade histórica, construções. 35
Betty Bernardo Fuks

... sin orden ni concierto 51
Raquel Capurro

História, memória e o trabalho de luto do conceito 65
Vladimir Safatle

Historicidade: passagem do objeto à história?	77
<i>Angela Vorcaro</i>	
Frase simples, discurso e historicidade	91
<i>J. Guillermo Milán-Ramos</i>	
Lo más esperado, lo inesperado y el encuentro con lo que nunca fue	99
<i>Javier García Castiñeiras</i>	
Freud e seus leitores: contextos e elaborações acerca da receptividade da psicanálise	107
<i>Guilherme Massara Rocha, Luciana Cavalcante Torquato, Marcus Vinícius Neto Silva</i>	
Historia e histeria: una articulación posible con la teoría de los cuatro discursos	139
<i>Gonzalo Delgado Pombo</i>	
Cuerpo, naturaleza y política en los avatares de la modernidad y el capitalismo	151
<i>Raumar Rodríguez Giménez</i>	
Língua materna: alienação identitária, sexualidade e contingência	163
<i>Nelson da Silva Junior</i>	
La concepción de <i>historia</i> en Melanie Klein y Jacques Lacan: un análisis comparativo	177
<i>Gonzalo Grau Pérez</i>	
Clínica psicoanalítica, trauma e historicidad: la crítica del presente como redención del pasado	195
<i>Rodrigo De La Fabián</i>	
La historicidad, una lógica temporal del <i>texto-clínico</i>	209
<i>Haydée Montesano</i>	

**II ... Mas a história do humano prossegue
no texto: ficção e poesia**

Conferência

Poesía y psicoanálisis. La relación a la verdad
psíquica en Freud y en los escritores 225
Edmundo Gómez Mango

O caramujo sintoma: função e limite da
historicidade na clínica psicanalítica 257
Antonio Teixeira

O Moisés de Freud e o Joyce de Lacan:
o pedestal e o escabelo 271
Cláudia Thereza Guimarães de Lemos

O corpo de Roland, o corpo de Lacan 283
Lucia Castello Branco

Traduciendo la soledad: novela y derelicción
en *O Solitude* de Catherine Millet 291
Beatriz Vegh

Louise Bourgeois, o espelho e a tangerina 299
Sonia Borges

O caso Proust: o livro de Marcel
como objeto em queda 307
Flavia Trocoli

Sobre testemunho em psicanálise 319
Ana Costa

III Hystoire: caso e clínica

As pedras de espera	329
<i>Nina Virginia de Araújo Leite</i>	
Um Caso para suplementar a Teoria Psicanalítica do Luto.	337
<i>Christian Ingo Lenz Dunker</i>	
Hacer caso a Foucault	353
<i>Gonzalo Percovich</i>	
Escrever o caso Joyce	363
<i>Suely Aires</i>	
Freud y Dora entre los cuatro discursos	375
<i>Mariana M. Moraes e Marcelo Gambini</i>	
Hamlet, “un caso clínico”: muerte y duelo	383
<i>Ana María Fernández Caraballo</i>	
Topologia na formalização: escrita e construção de um caso clinico	397
<i>Tânia Maron Vichi Freire de Mello</i>	
El ícono Marilyn Monroe como caso clínico	409
<i>Octavio Carrasco</i>	
De la fascinación al método en <i>El Moisés de Miguel Angel</i>	435
<i>Paola Behetti</i>	
Conferência de encerramento Historia, mi hermana	445
<i>Guy Le Gaufey</i>	
Sobre os autores	457

A presentação

*A historicidade vem por acréscimo –
La historicidad viene por añadidura:
Um encontro em Montevideú*

*J. Guillermo Milán-Ramos
Nina Virginia de Araújo Leite
Suely Aires*

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo “tal como ele propriamente foi”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo.

W. Benjamin, Teses sobre a História, tese VI.

O presente volume reúne uma parte substancial dos trabalhos desenvolvidos na *XV Jornada Corpolingüagem*, no *VII Encontro Outrarte* e na *II Jornada de Investigación: Formación de la Clínica Psicoanalítica en el Uruguay*, evento acontecido nos dias 6-9 de outubro de 2015 na Facultad de Psicología da Universidad de la República (Udelar), em Montevideú, Uruguai, fruto de uma parceria entre o Centro de Pesquisa Outrarte (IEL/Unicamp) e a referida universidade uruguia.*

* Entidades co-organizadoras, no Uruguai: *Departamento de Enseñanza y Aprendizaje do Instituto de Educación – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FHCE)*, Udelar; *Departamento de Educación Física y Prácticas Corporales*, do *Instituto Superior de Educación Física (ISEF)*, Udelar; no Brasil: *Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latesfp)*, USP; *Programa de Pós-Graduação em Psicologia* da FAFICH/ UFMG; e *Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura – UFRJ*.

O lema do evento foi: *A historicidade não é o que se espera: caso, ficção e poesia em psicanálise*. Imagem estilhaçada, página em branco, a “historicidade” era um assunto inexplorado nas jornadas e encontros *Corporeidade/ Encontros Otrarte* anteriores. Como um *collage*, a convocatória se escreveu a partir de recortes, contiguidades e vizinhanças extraídos de textos de Lacan: “interrogar a *história/ histeria, a poesia com a qual se faz a história*”.

Historicidade: abordagens, aproximações, assentimentos são construídos aos poucos, a partir de ruínas, fragmentos.

* * *

No seminário 3, Lacan fala que a obra de Freud está cheia de enigmas, de “pedras de espera”, que a releitura de seus textos sempre traz algo a mais, radicalmente diferente daquilo que se aguardava. A *historicidade* é uma dessas pedras de espera.

Quando Lacan afirma que o sujeito da psicanálise é o sujeito cartesiano do *cogito*, ele inscreve a psicanálise como um saber moderno, abrindo o espaço para a questão de sua historicidade. Porém, quando procuramos a sua inscrição nos textos psicanalíticos, a *historicidade* parece difratar-se, estilhaçar-se, fragmentando-se em uma multiplicidade de termos: na *memoração* – o próprio terreno de partida da psicanálise –, na *regressão* e na *repetição*; na *representação* e no *representante-da-representação*; na *interpretação* e na *construção*, na distinção freudiana entre *acontecimento histórico e verdade histórica*, presente em *Moisés e o monoteísmo*; nas escansões do *tempo lógico* e nos tempos da *estrutura*; na *narrativa*, no *mito*, no *romance*, na “pequena história” do sujeito.

O ponto de fragmentação, do estilhaçamento, é o inconsciente. Lacan inventava a etimologia – a historicidade – das palavras a partir das vizinhanças homofônicas – *história, histeria, estória...* –, como formações do inconsciente. A poesia estilhaça a linguagem, e a historicidade se escreve com fragmentos, com pedras de espera, com letras inscritas em uma lógica marcada pela escansão e pela antecipação:

O fato de [Freud] ter enunciado a palavra inconsciente, não é nada mais que a poesia com a qual se faz a história. Mas a história, como eu o digo algumas vezes, a história é a histeria. Freud, se experimentou seguramente o que é da histórica, se fantasiou em torno da histórica, isso não é evidentemente mais que um fato de história.

Marx era igualmente um poeta, um poeta que tem a vantagem de ter conseguido fazer um movimento político. Por outra parte, se qualifica o seu materialismo de histórico, isso não carece certamente de intenção. O materialismo histórico é o que se encarna na história. (Lacan, *O momento de concluir*, lição de 20/12/1977)

Existem várias formas de contar, narrar, relatar uma história, e, ainda, de transmitir uma experiência clínica. Há experiências que se destacam e marcam uma prática, e, em particular, há experiências de escrita e transmissão decisivas na formação de um analista. Apontando uma direção de trabalho possível, o encontro de Montevideu se propôs interrogar o estatuto do caso clínico na transmissão da psicanálise e no método de investigação psicanalítico. O caso clínico constitui um gênero discursivo privilegiado para a transmissão da/ na psicanálise? O caso clínico constitui uma espécie de “unidade mínima” que caracteriza o seu método de investigação?

Há práticas que, ao mesmo tempo em que parecem ser objeto de rejeição, de esquecimento – lembre-se a lição da Foucault em “O que é um autor?” –, permanecem à espreita, retraçam seu leito, (re)encontram um lugar, em silêncio, como se, para renovar a experiência, devessem passar por um instante de rebaixamento, reconfigurando o imaginário que as sustenta em algum de seus lados. Cem anos ou mais nos separam de *Dora*, *Schreber*, o *pequeno Hans*, o *Homem dos Lobos*, o *Homem dos Ratos*, e a fervilhante prática de leitura que suscitam, renovada permanentemente, parece ser o melhor exemplo, parece vir a lembrar-nos como o caso clínico – sua escrita e transmissão – constituem pontos de passagem decisivos na formação clínica psicanalítica e na prática da psicanálise como método de investigação. Esquecidos, naturalizados, idealizados, fracassados, bem ou mal escritos, objetos de disputa entre público, privado, ética e política, alvo de críticas que não deixam de evocar o estigma de um orgulho e a condição de um mal-estar... Ainda, há formas e formas de iluminar ou alienar um texto pela fala, “*mas a história do humano prossegue no texto*” (Lacan, *A ética da psicanálise*, lição de 4 de maio de 1960). Em qualquer caso, fazemos do caso clínico, porque essa é nossa condição, o ponto de cruzamento entre fragmentos de historicidade.

O tema escolhido convocou colaborações de vários campos tendo como eixo o campo psicanalítico. Um traço significativo da envergadura do que aconteceu em Montevideu pode ser recolhido no fato de que o

tema escolhido para os trabalhos do ano seguinte foi determinado pelas discussões que a historicidade levantou. O encontro de 2016 realizado no IEL/Unicamp dedicou-se ao que se depositou como resto depurado das discussões e trocas: o caso entre a exceção e a transmissão. A historicidade abriu passagem à reflexão sobre o caso enquanto exceção e como lugar privilegiado da transmissão.

O evento em Montevideú

Montevideú, outubro de 2015: a cidade se agitava nos vaivéns da agenda social – matrimônio igualitário (2013), interrupção voluntária da gravidez (2012), e a inédita regulação e venda de *cannabis* pelo Estado (2014) – nos últimos meses do governo de José Mujica (Frente Amplio). No Brasil, um momento crucial, um “instante de perigo”: o primeiro ano do segundo governo de Dilma Rousseff, que não chegaria a completar seu segundo ano. Mais de 500 pessoas – entre elas, mais de 300 universitários brasileiros – reuniram-se na *Facultad de Psicología* da *Udelar*, em Montevideú, para expor e debater trabalhos sobre historicidade e psicanálise.

A organização em Montevideú da *XV Jornada Corpolingüagem/ VII Encontro Oustrarte* supôs o atravessamento de algumas fronteiras. Dando seguimento à prática de fazer circular seus eventos, sediando-os alternadamente no IEL/Unicamp e em universidades com as quais mantém laços de trabalho, para o *Centro de pesquisa Oustrarte* significou a realização de seu encontro anual, pela primeira vez, em outro país, em outra língua. Para a *Facultad de Psicología* (Udelar), para seus diversos institutos, programas e grupos de pesquisa, mas, sobretudo, para muitos estudantes, docentes e profissionais que se aproximaram e participaram do evento constituiu uma oportunidade viva, aberta, de intercâmbio e de contato com a realidade da formação e da pesquisa brasileira nas áreas da psicanálise e da psicologia clínica. Em particular, para os integrantes do projeto “Formación de la Clínica Psicoanalítica en el Uruguay” (FCPU), comprometidos com o enorme esforço de organização, significou um momento de consolidação, acolhimento e abertura de novos laços e experiências acadêmicas, num meio em que não é muito frequente a organização de eventos com essas características. A *Jornada de Investigación: Formación de la Clínica Psicoanalítica en el Uruguay* – evento anual no qual os integrantes do grupo FCPU discutem

e apresentam seus trabalhos – aconteceu assim, poderíamos dizer, imbricada, sobreposta, ligada nessa jornada que convocou um grande número de professores, pesquisadores e pós-graduandos falantes da mesma e de outras línguas. Alguns trabalhos presentes nesse volume (particularmente, os textos de Mariana M. Moraes em parceria com M. Gambini, de G. Grau Pérez e de G. Delgado) dão testemunho de um momento de constituição e consolidação de uma nova linha de pesquisa na *Facultad de Psicología*.

Percurso de trabalho já sedimentados entre pesquisadores uruguaios e brasileiros construíram a oportunidade de deslocamentos inéditos. Tal abertura foi sustentada tanto através da presença de estudantes uruguaios de pós-graduação no Brasil quanto de acordos de cooperação e intercâmbio entre os dois países, como é o caso do projeto binacional Capes-Udelar: “Formação da Clínica psicanalítica e escrita de caso: interpretação, construção, narrativa” (2014-2018), estabelecido entre o *Instituto de Estudos da Linguagem* (Unicamp) e o *Instituto de Psicologia Clínica da Facultad de Psicología* (Udelar), que tem os Dres. Nina Leite, Christian Dunker e Angela Vorcaro como coordenadora e co-coordenadores, respectivamente, da equipe brasileira de pesquisadores, e a J. Guillermo Milán-Ramos na coordenação da equipe uruguaia. Tal projeto se concretiza através de intercâmbio de bolsistas e pesquisadores entre Uruguai e Brasil, que tem contribuído eficazmente para a consolidação das pesquisas.

A ida de estudantes e pesquisadores brasileiros ao Uruguai em outubro de 2015 consagrou, portanto, laços de colaboração e abriu possibilidades de novas trocas. Além dos dois países, o encontro congregou também estudantes e profissionais de diversas áreas vindos da França, Chile e Argentina.

Na hora de montar a programação, a mobilização de Nina Leite e Christian Dunker, no Brasil, e de Raquel Capurro, Magdalena Filgueira e Flora Singer, no Uruguai, foi fundamental. O evento contou com cinco conferências: Michel Plon (CNRS – França), na abertura; Betty B. Fuks (UVA-RJ); o psicanalista franco-uruguaio Edmundo Gomez Mango (*Association Psychanalytique de France*); Marcelo Viñar (APU/ Uruguai) e Guy Le Gaufey (*Ecole Lacanienne de Psychanalyse*), no encerramento.

Aconteceram doze minicursos: “*Por que o matema?*”, de Alfredo Eidsztein (Apertura Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires); “*Imagem e poema: modulações temporais da experiência estética*”, de Andrea Masagão (Oustrarte) e Eduardo Furtado Leite; “*Corpo, natureza e política nos avatares da modernidade e do capitalismo*”, de Raumar Rodriguez Gimenez (Udelar); “*Nar-*

rativas, testemunho, jogo e violência: uma experiência na “Casa dos Cata-Ventos”, de Sandra Torossian (UFRGS); “As crianças na ditadura: ética, política e amor em nome próprio”, de Patricia Castillo Gallardo (Universidad Diego Portales – Chile); “Instabilidade Estruturada e Representação do Sujeito: os casos de Proust e Joyce”, de Flávia Trocoli (UFRJ/ Outrarte) e Fabio Durão (Unicamp/ Outrarte); “A virada psicanalítica no tempo histórico”, de Márcio Seligmann-Silva (Unicamp) e Betty Fuks (UVA–RJ); “Historiografia psicanalítica? Contextos, fundamentos, casos”, de Guilherme Massara, Luciana Torquato e Marcus Vinícius Neto Silva (UFMG); “Experiencias de traducción/ Experiências de tradução: ‘Contar la soledad: narrativa y derelcción en O Solitude de Catherine Millet’”, de Beatriz Vegh (Udelar) e “A tradução como testemunho: um caso de amor”, de Lucia Castello Branco (UFMG); “O sujeito, o tempo e os três registros: simbólico, imaginário e real”, de Michele R. Faria (Outrarte); “Escrita e Temporalidade na narrativa de Lol V. Stein”, de Daniela Chatelard (UNB); “Ideologia, perversão e história em ‘El niño proletario’ de Osvaldo Lamborghini”, de Ofelia Ros (Instituto Caro y Cuervo y Universidad Santo Tomás – Colombia).

Onze mesas redondas: (I) “*Abertura – Historicidade e psicanálise*” – Nina Leite (Unicamp); Angela Vorcaro (UFMG); J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar); (II) “*Historicidade, Saúde mental*” – Cecilia Baroni (Udelar); J. Rodríguez Nebot (Udelar); Antônio Teixeira (UFMG); (III) “*Artes plásticas, literatura, psicanálise*” – Celia Calvo (EFM); Magdalena Filgueira (Udelar); Sônia Borges (UVA-RJ); Paola Behetti (Udelar); (IV) “*Caso, ficção, psicanálise*” – Haydée Montesano (UBA); Heloisa Ramirez e Tatiana Assadi (FCL-SP); Susana Martínez (Udelar); Tânia Freire de Mello (Outrarte - Unicamp); (V) “*Historicidade, caso clínico, filosofia*” – Gonzalo Percovich (ELP); Rodrigo de la Fabian (UDP – Chile); Vladimir Safatle (USP); (VI) “*História/ histeria: poesia do inconsciente*” – Octavio Carrasco (Udelar); Mariana M. Moraes (Outrarte/ Udelar) e Marcelo Gambini (Udelar); Ana M. Fernández (Udelar); (VII) “*Historicidade, ficção, psicanálise*” – Pedro Ambra (USP); Gonzalo Grau Pérez (Udelar) e Gonzalo Delgado (Udelar); Maria Leticia Reis (USP); Rosa Zytner (Udelar); (VIII) “*Historicização e objeto a*” – Claudia Lemos (Unicamp); Dominique Fingermann (EPFCL); Javier García (APU); (IX) “*Escrever o caso clínico: historicidade, clínica, narrativa*” – Suely Aires (UFRB); Ana Costa (UERJ); (X) “*Literatura, história, psicanálise*” – Nelson Da Silva Jr. (USP); Alcir Pécora (Unicamp); (XI) “*Mesa de encerramento: historicidade, transmissão, poesia do inconsciente*” – Raquel Capurro (ELP); Christian Dunker (USP).

Igualmente, aconteceu uma reunião de pesquisadores do projeto CAPES-Udelar, com apresentação dos temas: (i) “*Relevância do estudo histórico-discursivo de casos clínicos*”, com participação de Mariana M. Moraes; G. Grau Pérez; M. Gambini e G. Delgado, e (ii) “*Valentín Pérez Pastorini e a psicanálise no Uruguai*”, com a participação de Virginia Mórtola, Fernando García Press e G. Milán-Ramos. Como pesquisadores convidados, estavam presentes e interviram no debate: N. Leite, A. Vorcaro, Ch. Dunker, Raquel Capurro, Magdalena Filgueira e G. Le Gaufey, entre outros.

Também houve uma sessão de cinema, com a exibição do filme: “Ato, Atalho, Vento”, e debate e comentários com Marcelo Masagão (diretor do filme), Bruno Cancio (Udelar) e Daniel Moreira (ELP).

A organização

A organização do evento implicou uma mobilização importante de recursos na *Facultad de Psicología* da *Udelar*. A realização de forma simultânea de minicursos e mesas de comunicações implicou, ao longo de três dias, o acondicionamento e uso da maioria dos espaços da *Facultad de Psicología* destinados ao ensino. Generosamente docentes e estudantes cederam esses espaços. O apoio político e acadêmico do *Decanato* da *Facultad de Psicología* e suas equipes para a realização de um evento deste porte – do decano Luis Leopold durante os muitos meses de planejamento e organização do evento, e da decana Maria J. Bagnato, no último e agitado trecho – foi muito importante, criando as condições de possibilidade, brindando ideias, dando curso ao acontecimento. Igualmente, o apoio das direções dos cinco institutos da *Facultad*, dos funcionários das diversas seções, particularmente do *Departamento de Intendencia*, a cargo de Bernard Retamosa, e da equipe da *Unidade de Comunicação Institucional*, comandado pela Lic. Leticia Barros, que filmaram as sessões plenárias do evento, disponibilizando-as em *YouTube*, e especialmente os funcionários Cesar Corrales e Guillermo Del Castillo, os quais deram constante e cuidadoso apoio nos aspectos técnicos.

No Uruguai, a base material, o trabalho de organização e logística foi realizado fundamentalmente pelos integrantes do projeto FCPU. Um agradecimento especial para Mariana M. Moraes pelo imenso trabalho de coordenação das tarefas de gestão e pela escrita-a-duas-mãos na ela-

boração da convocatória. A todos um agradecimento especial: Fernando García Press, Gabriela Donya, Gonzalo Delgado Pombo, Agustina Craviotto, Gonzalo Grau Pérez, Jimena Boffa, Florencia Rodríguez, Marcela Mujica, Marcelo Gambini, María Magdalena Piquerez, Mattías Bruni, Malena Delgado, Patricia Villar, Verónica Molina, Virginia Mórtola, Fiorella Quagliata, Walter Hernández. No Brasil, Clarice Paulon, Suely Aires, Nina Leite, Maria Leticia Reis, Camilla Rehem, Carolina Morari, Keylla Barbosa e Maria Raquel Aguiar (pelo cuidado especial no desenho e gestão do site do evento). A todos eles coube, essencialmente, a realização do evento.

Montevideu / Campinas, setembro de 2017.

C onferência de abertura Secreto y leyenda en la historia del movimiento psicoanalítico^{1, 2}

Michel Plon

*Si no nos dejan soñar, no les
dejaremos dormir*

Eduardo Galeano.

Esta frase de Eduardo Galeano [1940-2015] resuena como una advertencia, una advertencia que hago mía y que dirijo, por medio de esta intervención, a todos aquellos que, siendo ajenos al psicoanálisis, o incluso a los propios psicoanalistas, obran deliberadamente o no, implícita o explícitamente, en pro de su destrucción. No como doctrina, como teoría, sino como práctica social. Es decir, como dimensión partenaire de y en la sociedad. Práctica sin la cual la obra de Freud, así como la de Lacan, serían,

-
1. La versión en español del presente texto fue realizada por Beatriz Rama Giviauque, a quien agradezco por el cuidadoso trabajo de traducción.
 2. [N. de T.] Cabe consignar que Michel Plon hizo llegar por escrito el texto que guiaría su conferencia. El mismo se redactaba en un estilo coloquial, con frases que él mismo reconocía como muy largas y entreveradas pero que dijo lo representaban en su forma de expresarse en público. Ese texto es el que, sin prácticamente ningún cambio, se leyó en la actividad y del que se realizó esta transcripción al español. Simplemente se introdujeron ciertas puntuaciones para hacerlo más accesible en su lectura.

serán condenadas a la polvorienta ubicación de los estantes de las bibliotecas de filosofía. Esta advertencia, hecha por uno de sus más grandes poetas y escritores, al que “sólo matará realmente el olvido”, es un grito político. Es de esta forma que yo pretendía abrir mi intervención sobre el devenir del psicoanálisis, en tanto mis palabras aspiran a inscribirse en la estela de esta otra advertencia, la que nos lanzó recientemente Moustapha Safouan (2013) en su último libro consagrado al psicoanálisis. Al psicoanálisis doctrina, por cierto, pero también, y eso concierne a lo que voy a decir más adelante, *Movimiento*, verdadera arena política con todo lo que eso implica de apuesta y de violencia. Posibilidad de vivir, de morir, de pensar o de callarse para todos aquellos que rechazan el dictamen del neo liberalismo, el de la dimensión cuantitativa, la preocupación constante por medir, por evaluar, contar: calcular. Foucault calificaba irónicamente a ese verbo como “palabra clave del episteme moderno”. Soñar entonces, esa facultad del hombre respecto de la cual Freud remarcó en *El malestar en la cultura* (1930[1992]) como sufriendo, como que estaba afectada por la vida palpitante de su época – ¿qué diría ahora en nuestro tiempo de rentabilidad sin límite? – y señalando después de esa reflexión, que nos debíamos abstener de pensar que se trataba de una “simple nimiedad”.

Disculpándome de este largo preámbulo, quiero primeramente agradecerles el haberme recibido aquí, en este país que hasta ahora no había más que sobrevolado yendo de Brasil a Argentina y viceversa; sólo una vez me detuve y apenas puse los pies en Colonia hace ya varios años, pero tengo presente ese recuerdo.

Agradecer a Nina Leite quién me recordó este encuentro y la posibilidad de participar en él, agradecer a Guillermo Milán quién me invitó oficialmente, y agradecerles a todos por el honor – que considero muy inmerecido – de abordar su actividad sobre esta cuestión espinosa y compleja de la relación del psicoanálisis con la historia en general, con su historia, y más particularmente, con su historia institucional y como tal, social y política.

Poniendo en primer término, en nuestro encuentro, ese término *historicidad* (*historicité*) empleado por Lacan en el libro III de su Seminario sobre *Las Psicosis* (Lacan 1955-1956[2012]), ustedes se dan cuenta que esa historicidad ubicada en lo que Lacan nombra como “piedras de espera”, y

él además dice que son enigmas que están repartidos por todas partes en los textos freudianos. Como una especie de estratos que aparecen en ocasión de cada nueva lectura, pero de las cuales también se desprende, leyendo bien certeramente los textos psicoanalíticos, que se dividen, se fragmentan hasta el punto de disolverse en diferentes procesos: represión, rememoración, regresión, repetición etc. Hasta el punto que, en mi opinión, pero ahora no cito, avanzo en esto un poco, hasta el punto que se pudiera decir de esta fragmentación que ha tenido ciertos efectos en numerosos comentaristas exteriores. Que incluso se pudiera decir que acredita la idea de que el psicoanálisis ignora la historia, reduciéndola a procesos psíquicos de los cuales Freud y después Lacan han explorado los misterios, dejando de lado la historia propiamente dicha, esa que calificamos de “Importante” (*Grande*) y que no es, sin embargo, sin penetrar, sin modelar a la pequeña, esa de los pacientes, quienes tampoco son “nuevos pacientes” – nuevos sujetos como le gusta repetir a ciertas personas. Llegando incluso algunos a decir que esta ignorancia o desinterés por la historia es, más precisamente, el caso de Lacan, lo que me parece tan falso como absurdo.

Y mi propósito hoy no es demostrar ese absurdo porque alcanza simplemente con leer los seminarios que rodearon el movimiento de Mayo 68 – *El acto psicoanalítico* (Lacan 1967-1968), *de un Otro al otro* (Lacan 1968-1969[2008]), o *El reverso del Psicoanálisis* (Lacan 1969-1970[2008]) – para convencerse de que Lacan, muy lejos de ignorar la historia y su puesta en escena en la política, fue más que sensible y nunca dejó de considerarla y referirse a ella.

Esta especie de reputación respecto de una ignorancia, de un desprecio o rechazo de los psicoanalistas en relación a la historia – entre las que, por suerte, hay excepciones como es el *Freud* de René Major y Chantal Talagrand – amerita ser cuestionada y quizás se concluiría que no haya en ella más que una falsa visión, el síntoma de un cierto truco de magia, de cierta malicia, fuente de un goce deliberadamente ignorado por aquellos que son su mismo fundamento, los propios psicoanalistas, por mucho tiempo encerrados en su ciudadela, por no decir gueto.

En su momento, Michel Foucault [1926-1984] o Robert Castel [1933-2013] no dejaron de reprochar a los psicoanalistas, en la medida que sus prácticas cobraban efectos más allá del marco “diván-sillón”, su

participación en un proceso de despolitización que nuestra actualidad no desmiente. Más recientemente, y a veces en términos muy radicales, Pierre Eyguesier en un libro titulado *El psicoanálisis negativo* (2015), llega a preguntarse si la práctica del psicoanálisis, si la organización social del psicoanálisis, mucho más que la teoría, conduciría a una indiferencia en materia de política. Es decir, conduciría a apartar de los estruendos de la historia en curso – que actualmente son más que numerosos, y ensordecedores – cuyos rumores apenas traspasan el umbral de los consultorios de los analistas, ya que es de esta forma que lo observa el autor.

Para nosotros, analistas o candidatos a serlo, no nos queda más que el hecho de que el centro de gravedad de esa evocada fragmentación de la historicidad sea, como bien lo recordarán, el inconsciente. El inconsciente freudiano y lacaniano. Esto no puede ocultar lo que me parece que este texto introductorio ha dejado de lado, es decir, la relación del psicoanálisis con su historia, y más precisamente aún, como dije anteriormente, la relación del psicoanálisis, de los psicoanalistas con su historia institucional, con la historia que se nombra mediante la expresión *movimiento psicoanalítico* con lo que concierne a la historicidad de ese movimiento tal como nos fue comúnmente contado.

Este impase, si existe, y yo lo pienso, no es, a su vez, sin relación con el hecho de que el psicoanálisis va mal, aunque la gran mayoría de los psicoanalistas no quieran enterarse, del mismo modo que la opinión pública quiere ignorar el fenómeno del deshielo en el planeta. Desaparición, no tanto riesgo de desaparición irremediable, como ya planteé, no de la doctrina sino de la práctica. Este atolladero debe ser analizado, caracterizado, así sea en forma esquemática en un primer momento, ya que bien podría estar cargado de consecuencias para nuestra práctica. Podría contener un perjuicio para el psicoanálisis, un perjuicio cuya *ignorancia*, tomando las palabras de Pierre Bruno en su libro *Lacan barquero de Marx*³ (2010), sería la madre de todos los males, los nuestros.

El término de historicidad, retomo, raramente utilizado en francés, no nos sorprende entonces que se lo re-encuentre en la pluma y en el decir de Lacan, amante de las preciosidades de la lengua francesa – basándo-

3. [N. de T.] Pasador de fronteras.

me en los diccionarios y otras enciclopedias, sólo recientemente aparece. Principalmente fue empleado por los filósofos alemanes, especialmente Heidegger [1889-1976] y Gadamer [1900-2002], con anterioridad lo utilizó Hegel [1770-1831] para designar una dimensión del orden de la proximidad partiendo de la memoria, y por otra parte fue ampliamente utilizado por Paul Ricoeur [1913-2005].

Lo que yo tengo presente en este momento es que este término vehiculiza la idea de autenticidad en oposición a eso de lo que da cuenta el mito o a la leyenda.

Con el riesgo de repetirme, es oportuno que les recuerde que me refiero a la relación del *psicoanálisis y de los psicoanalistas con su historia social*, y no a la relación con la historia del psicoanálisis, con la historia de su movimiento conceptual –habría que recorrer la obra de Freud, la de Lacan y la de otros –, así como tampoco a la relación con la historia de los psicoanalistas, sus vidas, sus obras, la historia biográfica. Sobre todos esos aspectos no faltan trabajos que dan cuenta, la mayoría de las veces, de una crónica, una sucesión de actas documentadas con pretendida preocupación de exactitud. No le hacen asco al empleo de cifras y de estadísticas, mostrando, de esa forma, la sumisión a esa predominancia de lo cuantitativo de la que hablamos. En cuanto a los motivos por los cuales esta historia fáctica tomó la delantera respecto de otros cuestionamientos, voy a tratar de mostrarles una de las causas.

En mi primera respuesta a Guillermo Milán cuando me preguntaba cuál podría ser el tema de mi ponencia, el título de mi intervención, le había dicho que podría entenderse como el problema de la forclusión de la historia en el discurso psicoanalítico. Y pasado el momento de esa respuesta, de la que hace ya unos meses, me dije que esa frase era demasiado lapidaria y susceptible de embretarnos en uno de esos discursos alambicados en los que el mundo lacaniano se regocija o, más precisamente, el post-lacaniano. Este término de alambicado, que ahora tomo como propio, es utilizado por Guy Le Gaufey para calificar unos dichos de Lacan cercanos a otros de W. Benjamin [1892-1940], sobre la relación con el pasado y con esta *“tensión dónde nace la historia”*. Es en un breve artículo que no sé si ya está publicado pero que se refiere al problema de la *escisiparidad* analítica, sucesión de escisiones y otras divisiones que de nada sirve lamentar ya que es totalmente vana la esperanza de un retorno cualquiera a lo anterior.

Analizar esta *escisiparidad*, cuestionarla, buscarle las causas, todo eso me parece, ya lo habrán captado, urgente. En ese mismo artículo el propio Le Gaufey propone una causa no excluyente de otras para este fenómeno constituida por el narcisismo. Recordando de esta forma, y les resumo, la constante tendencia en Lacan, pero en mi opinión también en Freud, de una suerte de radicalismo que excluye toda forma de discusión contradictoria. La búsqueda de compromisos capaces de alimentar discusiones y no solamente comentarios u otras exegesis que no tienen forma de concluir.

En consecuencia, forzándome en la reflexión de lo que quería enfocar a través de ese título tan fuerte “forclusión de la historia”, leyendo en torno al término historicidad, opté finalmente por este otro título que pone de manifiesto dos características de la relación de los analistas con la historia de su movimiento. Movimiento precisamente marcado por este fenómeno de la *escisiparidad* que sólo se vuelve a encontrar con esta misma frecuencia en el registro de los movimientos políticos, por un lado, la característica del secreto, y por otro, el de la leyenda. Secreto y leyenda; se podría reformular en términos de no-dicho y de fantasía-fabulación – pasos que preceden a ese olvido mortífero del cual habla Galeano.

Ahora quisiera detenerme sobre ciertas ocurrencias de este procedimiento. El empleo de estas dos formas de gestión, lo no-dicho y la fabulación a manera de historicidad, para, de alguna forma, responder a las preguntas que acabo de plantear y que quisiera compartir con ustedes. Es decir, aquellas concernientes a las causas del desvío positivista que opera en los trabajos referidos a la historia del psicoanálisis y aquellas causas que puedan explicar la constancia de ese radicalismo relevado por Le Gaufey – reitero que me parece que sería un grave error atribuirlo sólo a Lacan.

El secreto o el silencio dentro del movimiento psicoanalítico pueden ejercerse al mismo tiempo que se da la acción o la decisión que no se justifica, o en las medias palabras que buscan disminuir su importancia y posibles consecuencias, o bien, puede ejercerse después del suceso. Se trata entonces de una especie de amortajamiento o sepultura, un olvido que no tiene la forma de un acto fallido; sino que la de un borramiento por demás deliberado. El resultado es que todo sigue como si la acción o la decisión nunca hubiesen existido.

Primer ejemplo de silencio, pero también del radicalismo que acabamos de mencionar, es el de Margarethe Hilferding [1871-1942] de quien

recientemente la psicoanalista Françoise Wilder hizo una semblanza en la que precisamente se pone de manifiesto la magnitud de ese olvido.

Margarethe Hilferding, esposa de un economista importante de la República de Weimar, fue la primera médica mujer de la facultad de Viena; pero específicamente, en relación a lo que nos interesa, fue la primera candidata admitida como miembro de la Sociedad Psicoanalítica de Viena. Admisión que sólo fue ratificada por los miembros del pequeño comité de los miércoles después de una enérgica intervención del propio Freud, que no participaba del ambiente misógino, y contando en ésto con el apoyo de Alfred Adler [1870-1937].

Françoise Wilder escribe: “Las instituciones – allí estamos – son tales que sólo permanece el nombre de aquellos que las fundan, los adherentes, así como los que se despegan de ellas, los desarraigados a causa de un conflicto” (2015). Las instituciones son las fábricas de disfraces de la historia. Margarethe no hizo “lío”, como se dice; se fue discretamente, razón ésta por la cual su propia historia quedó tapada. Ocultos tanto la historia como el procedimiento que la hizo desaparecer por primera vez.

Su candidatura fue presentada por Paul Federn [1871-1950] en la sesión del 6 de abril de 1910. Era el tiempo que siguió al Congreso de Nuremberg, marco de la fundación de la IPA, primer acto de institucionalización del psicoanálisis que desde ese momento ya inquietó a Tausk [1879-1919] y a Wittels [1880-1950], todavía no convencidos de la necesidad de una institución y que lamentan al observar que el grupo se “transforma en sociedad”. El 11 de enero, Margarethe pronuncia su primera conferencia ante el grupo. Se trata de las bases del amor maternal cuya recepción será por demás mitigada, se dejaron de lado los puntos fundamentales que resaltó su oratoria con la excepción de Freud quien subrayó el mérito de Margarethe en haber “hecho entrar en el terreno del análisis psicoanalítico – a través del enfoque de la sexualidad y sus transformaciones en la maternidad – un tema que en función del conformismo que sostenemos, ha permanecido apartado de nuestro campo de investigación” (Wilder 2015).

Por otra parte, se empiezan a manifestar las tensiones que culminan con la dimisión de Adler a la presidencia de la sociedad: parece que en ese momento la mayoría no compartía la tesis de Adler, considerando, asimismo, que la incompatibilidad que se daba entre Freud, por un lado, y

Adler y Stekel [1868-1940], por otro, se podía superar, que la discusión y la confrontación podían continuarse – esta era la opinión de Margarethe. No obstante, unas semanas después, movido por una demanda del propio Freud, el comité va a ratificar la tesis de incompatibilidad entre las ideas de Freud y las de Adler. El requerimiento de Freud para que se votara parece haber sido feroz: se presionó para que los “adlerianos” adhirieran a la tesis freudiana, para que renunciaran a la suya o se fueran.

Primera aparición del radicalismo mencionado, de ese rechazo hacia el compromiso y hacia la prosecución de la discusión. La posición de Freud fue mayoritaria por 11 votos contra 5 – primera manifestación notoria de la prosternación ante el deseo del Maestro. Los que quedaron en minoría se fueron, entre ellos Margarethe, desapareciendo de esta forma de la historia del movimiento psicoanalítico.

La propia Margarethe Hilferding va a decir que toleró muy mal el autoritarismo que se había instalado en el pequeño grupo, diciendo, además, que le recordaba el modo de funcionamiento que ella había conocido en los rangos del movimiento socialista en los que fue una militante activa. Pionera en la causa de las mujeres, rechazando toda perspectiva organicista, enseñará higiene y salud en un colegio de jovencitas, teniendo como alumnas nada más que a Elsa Pappenheim y Marie Langer [1910-1987]. Asimismo, ella comprobará de que muy lejos de ser ajena al movimiento psicoanalítico, siendo la madre de Margarethe prima de Joseph Breuer [1842-1925], el autor junto con Freud de *Estudios sobre la histeria* (1893-1895[1992]), tuvo una estrecha relación con Ida Bauer, la futura Dora.

Este recorrido, que se presentó bien resumido ha de terminar en Treblinka, su segunda y definitiva desaparición.

Una primera ilustración de la puesta en marcha del secreto, de esa preocupación por la pureza, por la depuración, preocupación que implica el deseo de proteger una verdad como indiscutible hasta el punto de funcionar como un dogma. Obviamente se le puede objetar a esta tonalidad crítica sobre esta modalidad de comportarse y de tratar los acontecimientos en los que quizás se pudiera entender que eran el fermento de una amplitud de la reflexión psicoanalítica, se podría hacer valer el hecho de que el descubrimiento freudiano y sus desarrollos eran lo suficientemente subversivos a la vez que frágiles como para que Freud haya considerado

que era cuestión de vida o muerte para el psicoanálisis, para su descubrimiento. Queda por dilucidar, pero en realidad ¿es que no se sabe? ¿Es que los psicoanalistas no lo saben? Cuando lo hablan en los corredores mientras que se callan en público...

¿Acaso no saben si esta preocupación por el secreto, esta exigencia de una homogeneidad pensada como protección de la integridad absoluta, constituye o no, de hecho, la base para un dogmatismo de carácter burocrático que hace obstáculo de manera radical a las dimensiones de heterogeneidad y de alteridad?

Segundo ejemplo que ilustra de la forma más explícita este recurso al secreto, constante en el movimiento psicoanalítico y del que resultan agujeros negros de la historia: la creación por Ernest Jones [1879-1958], con la aprobación de Freud, en 1912, del famoso Comité secreto.

Inventado con el propósito de preservar la doctrina de toda forma de desviación, intentando evitar la dispersión de las reflexiones en discusiones vanas que llevarían a perder de vista los fundamentos, los ejes directrices del psicoanálisis, el Comité, muy por el contrario, fue escena de incesantes conflictos entre sus miembros.

Se disolvió en 1927, pero de lo que pasó en su interna, de los conflictos, de los argumentos, del tenor de las discusiones que cobijó, no se sabe nada... ¡Secreto!

Sí se sabe, no obstante, que las cartas y circulares que vinculaban a sus miembros, los *Runderbriefe*, existen y constituyen varios volúmenes cuya publicación recién se empieza en Alemania, es decir, casi un siglo después de la disolución del Comité.

El secreto debió guardarse muy bien respecto a los temas tratados: sin lugar a dudas, temas que agitaban en esos momentos al psicoanálisis, la homosexualidad, o en otro registro, el desarrollo internacional del psicoanálisis especialmente en Rusia dónde notoriamente se estaban realizando transformaciones sociales y políticas que afectaron al psicoanálisis. Pero respecto a todo eso, silencio, ni una palabra, el pueblo de psicoanalistas que no forma parte de esta especie de *nomenklatura* no conocerá nada de eso.

Por cierto, que el silencio y el secreto no son absolutos.

Otro ejemplo trágico es el de la acción de Jones en 1935 esforzándose por conseguir un arreglo con las autoridades nazis para “salvar el psicoanálisis”, presionando la renuncia de la *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft* de los miembros judíos para asegurar la arianización de esta sociedad, en el entendido de una supuesta condición para la supervivencia del psicoanálisis bajo la subordinación de Matthias Heinrich Göring [1879-1945].

Hoy en día, son muy pocos los analistas que recuerdan esta sumisión, más pocos aun, los que buscan comprender por qué el descubrimiento freudiano y sus desarrollos no constituyeron una protección frente a tales opciones. La preponderancia de la preocupación institucional y por el orden, venciendo al carácter subversivo de la teoría. ¡Teoría de la cual se argumentaba querer preservar la pureza!

Paradoja curiosa. ¿Cómo poder dar cuenta de ese rol de extraña camaradería del psicoanálisis con los nazis, sin observar, y no es una explicación, que se ubica en eso a una de las primeras marcas de lo que se podría llamar el desvío derechista de todo, o de casi todo, el movimiento psicoanalítico?

Si bien no se debe olvidar el apoyo que se dio en Francia, por parte de algunos analistas, como especialmente Pontalis [1924-2013] y Maud Mannoni [1923-1998], al *Manifiesto de los 121* que proclamaba el derecho a la no sumisión de los soldados franceses durante la Guerra de Algeria, cabe decir, que no constituyó más que una excepción.

Alineamiento ejemplar que se dio en varias oportunidades.

En este continente, René Major, sustrayéndose a la vigilancia, estuvo ayudando a Helena Bessermann-Viana y esto hubiera permanecido en el olvido, siguiendo los deseos documentados de la dirección de la IPA bajo la presidencia del francés Serge Lebovici [1915-2000] – una IPA preocupada por mantenerse *neutra* mientras que la dictadura brasilera cometía sus vejaciones.

Pontalis subrayó en su tiempo la necesidad de distinguir entre *neutralidad analítica* y neutralidad política.

¿Qué crimen había cometido Helena Bassermann-Viana que le valiera haber sido objeto de un intento de asesinato? Sólo el hecho de haber informado a Marie Langer, la participación de un psicoanalista brasilero en actos de tortura. Amilcar Lobo Moreira [1939-1997], un joven ana-

lista en “formación didáctica” con el eminente analista Leão Cabernite, miembro de la Sociedad Psicoanalítica de Río de Janeiro, rama brasilera de la IPA, anterior analista de Werner Kemper [1899-1976], analista alemán partícipe de la arianización de la que hablamos – ejemplo del proceso de filiación sobre el que Granoff [1924-2000] trabajó a lo largo de todo un año de su seminario.

Cuando en 1984 se restableció la democracia en Brasil, Amilcar Lobo reconoció como válidas, las acusaciones que le fueron hechas, esas acusaciones que la IPA recusó considerando como calumnia lo dicho por Helena Bessermann-Viana. René Major dio a conocer sus “secretos” en un libro co-escrito con Helena Bessermann, elocuentemente titulado *Política del psicoanálisis respecto de la dictadura y la tortura. No se lo diga a nadie* (1997).

No hablar, no decir lo que podría perjudicar la buena reputación del psicoanálisis, lo que podría llegar a contrariar la preocupación dominante por la normalidad y el respeto al orden social... y político.

Desde el punto de vista de que nada en la teoría freudiana, como tampoco en los desarrollos de Lacan, puede justificar estas curiosas desviaciones y de las cuales se tiene, en definitiva, que subrayar la complementariedad con la preocupación por la pureza que mencioné, es necesario entender que este tipo de *errancia* está notoriamente ligada al proceso institucional. Hecho que había inicialmente señalado Ferenczi [1873-1933] – ese proceso en el que Safouan ubicó la fuente de la resistencia freudiana, siguiendo al mismo Ferenczi y principalmente a Rank [1884-1939].

Tercer ejemplo: hubo que esperar al año pasado, 2014, y a los esfuerzos de José Attal, fallecido hace algunos meses, para que el célebre y no obstante misterioso informe nombrado “Informe Turquet”, dado al Secretario de la Comisión de investigación encargada de formular las recomendaciones respecto del reintegro a la IPA de la Sociedad Francesa de Psicoanálisis, surgida de la escisión en 1953 de la filial francesa, ese informe, verdadero reporte policial... de policía *secreta*... Hubo que esperar entonces para que saliera de los placares de la dirección de la IPA que, ante los requerimientos de Attal, llegó incluso hasta alegar que ignoraba su existencia.

Ese documento que concluiría en la *exclusión* de Lacan y de Dolto [1908-1988], condición impuesta para volver a integrar a la SPF en la

categoría de la IPA, es de un grado de ridiculez que debió haber dado vergüenza a los propios responsables de la IPA. Pero no pasó nada. La preocupación verdaderamente policíaca por una normalización hizo de ese documento un ejemplo de los estragos de una política institucional. Documento hasta ahora mantenido en secreto y largamente ignorado por el conjunto de los analistas del mundo entero – que no hayan tenido conocimiento o que no hayan querido saberlo no cambia nada al problema. Política institucional que, a falta de no poder ser erradicada – cuestión de la aporía entre la esencia de la cuestión psicoanalítica y la de la institucionalización –, debería constituirse en una alerta permanente para los analistas.

Me viene a la memoria el planteo malicioso de Louis Althusser [1918-1990] en el momento en que Lacan disolvía la *École freudienne* e inmediatamente fundaba *La Cause*, cuando preguntó si no se estaba en riesgo de repetir lo que se quería disolver. Sin entrar ahora en los detalles realmente grotescos de ese Informe Turquet – prontamente publicado en Brasil bajo el cuidado de Nina Leite junto con los comentarios que han podido realizar algunos analistas instados por Érik Porge y mis propios comentarios que aparecerán en el próximo número de la revista *Essaim* –, lo que importa señalar es hasta qué punto estaban orientados por una verdadera obsesión, incapaz de formularla en parámetros teóricos: la obsesión de *exclure* a Lacan no solamente de la institución IPA sino que de descalificarlo como analista, ya que el pedido era de impedirle formar analistas. Se trataba entonces de una cuestión de normalización en el plano institucional, así como también de una definición de lo que debería ser el psicoanalista “ideal”, producto normatizado, según reglas puramente técnicas y administrativas. Iniciativa ésta, puramente normativa y en absoluto explicitada, ya que – y es lo que constituye la mayor paradoja – el mencionado informe no contiene ni una palabra de teoría, salvo que se entienda por teoría lo que en ese plano se supone hace de Lacan un “peligro” para el psicoanálisis.

Normalización, estandarización cuyos criterios, otra que técnicos, duración de la sesión etc. no son, y por causa, enunciados, como de una práctica perniciosa para el psicoanálisis. La divulgación de este informe y la diversidad de comentarios que de él hicieron Franck Chaumon, Vincent Clavurier, Nathalie Jaudel, Edit Mac Clay y Moustafa Safouan, atestiguan

que el psicoanálisis no puede sobrevivir, desarrollarse, salvo que acepte el cuestionamiento que confronta toda esa preocupación de seguridad.

Les evoqué algunos ejemplos de esta práctica del secreto en la vida del movimiento psicoanalítico, ejemplos de la manera en que la historia de la institución psicoanalítica puede ser contada, ilustración de la predominancia de lo no-dicho, del disimulo en aquellos que saben o sabían, condición de ignorancia en la que se sostienen. Es decir, se complacen absteniéndose de cuestionar, aquellos que se forman o que son considerados como analistas o en camino a serlo.

Se caería en un grave error si se considerara que esencialmente esto trata de un pasado más o menos reciente en el que no es necesario detenerse: nada puede garantizar que el movimiento psicoanalítico, si es mantenido en la ignorancia de su historia, no se encuentre en posición de repetir tal o cual *hundimiento en el fango* y de esa forma exhibir una fragilidad creciente frente a la adversidad política, la que, de hecho, no deja de incrementarse.

El secreto, la práctica del silencio respecto de ciertos sucesos que no tienen nada de anecdóticos, no son las únicas características de una historicidad por lo menos fantasiosa.

Conjuntamente con el secreto, se da otra forma de desdibujamiento de la historia, la fabulación, la leyenda. Alimentan un imaginario de sumisión que vehiculiza ciertas trazas de religiosidad, por cierto, siempre presentes en el proceso institucional, pero en principio antinómicas del enfoque analítico.

Ejemplo de una de las más tenaces de esas leyendas es la relacionada con la mencionada *excomunión* de Lacan, apelación realizada por el propio Lacan quien diera a ese procedimiento burocrático, una *exclusión*, una especie de aura trágica y religiosa al referirla a la excomunión de Spinoza [1632-1677]. Cualesquiera hayan sido las razones de Lacan para utilizar esta palabra tan fuerte, la misma vino a alimentar el imaginario de un Lacan mártir, basamento, junto con otros elementos, de la prosternación de los alumnos frente al Maestro. Verdadera garantía para la esterilidad de la producción que la limosna de los alumnos no podrá disimular.

En algunos aspectos ciertamente la IPA ha funcionado, y funciona aún hoy en día, como una iglesia – para seguir utilizando la metáfora

empleada por Lacan en 1956. No obstante, la metáfora tiene límites. José Attal, el mismo que consiguió que se divulgara el Informe Turquet, había publicado un tiempo atrás, en los Cahiers de l'Unbévue, un texto titulado *La no excomunión de Lacan. Cuando el psicoanálisis perdió a Spinoza* (2010). No voy a entrar en mayores detalles sobre ese artículo, pero simplemente relevar que el estatuto dado por Lacan a la brutalidad de la decisión tomada en su contra, se reencuentra veinte años después en el tiempo en la disolución de la EFP sobre la cual permanece un clima de secreto. Hay en todo eso algo más que un simple olvido, a saber, que hasta la decisión de su exclusión, Lacan esperó y solicitó permanecer en la categoría de la IPA hasta el punto de hacer promesas que sabía que no iba a cumplir.

Y ya terminando momentáneamente esta presentación que permanece sostenida por el sueño de una comunidad analítica que se confrontaría a su historia, me pregunto por el porqué de esta repetición incesante de la evitación. Me parece que parte de los elementos para una respuesta pasarían por el examen de lo que caracteriza actualmente al movimiento psicoanalítico: creo que hemos entrado en la época del post-lacanismo, tiempo que no abole para nada del aporte de Lacan pero que tiende a recubrirlo. Así como el post freudismo recubrió una buena parte del descubrimiento freudiano, lo que justificó para el movimiento lacaniano, su “retorno a Freud”.

Si el post freudismo, ilustración de un proceso de extinción de la subversión freudiana, puede caracterizarse por una medicalización del psicoanálisis, acompañada por una burocratización creciente del movimiento psicoanalítico, me parece que el post-lacanismo se caracteriza por la marca cada vez más insistente de una empresa filosófica –que no es de la mejor filosofía – acompañando una igualmente universalización.

A la tecnicidad médica dominada por la idea de cuidado corresponde un hermetismo más marcado en los discursos de los lacanianos contemporáneos, hermetismo que hacen a sus discursos incomprensibles y reverberantes para un público que el psicoanálisis tiende a perder.

Permítanme terminar este discurso con una cita que, al igual que la de Galeano, resuena como una advertencia, es de Denis Diderot [1713-1784] que dice “Las grandes abstracciones no contienen más que un débil brillo. Existe un tipo de oscuridad que podríamos definir como la afectación de los grandes maestros”.

Y como se entiende que somos analistas, les digo: “*A buen entendedor...*”

Referencias bibliográficas

- ATTAL, J. (2010). *La non-excommunication de Jacques Lacan – quand la psychanalyse a perdu Spinoza*. París: L'Unebêvue-Éditeur
- BESSERMAN VIANNA, H. (1997). *Politique de la psychanalyse face à la dictature et à la torture. N' en parlez à personne....* París: L'Harmattan.
- BRUNO, P. (2010). *Lacan passeur de Marx. L'invention du symptôme*. Toulouse: érès
- EYGUESIER, P. (2015). *Psychanalyse négative*. París: Éditions La Lenteur.
- FREUD, S. (1893-1895[1992]). *Estudios sobre la histeria. Obras completas. Tomo II*. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A.
- _____. (1930[1992]). *El malestar en la cultura. Obras completas. Tomo XXI*. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A.
- LACAN, J. (1967-1968). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 15: El acto psicoanalítico* (inédito).
- _____. (1968-1969[2008]). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 16: De un Otro al otro*. Buenos Aires: Editorial Paidós
- _____. (1969-1970[2008]). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 17: El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- _____. (1955-1956[2012]). *El Seminario de Jacques Lacan. Libro 3: Las psicosis*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- SAFOUAN, M. (2013). *La psychanalyse. Science, thérapie -et cause*. París: Éditions Thierry Marchaisse
- WILDER, F. (2015). *Margarethe Hilferding, une femme chez les premiers psychanalystes*. París: Epel